

O Que É Fé?

R.C. Sproul

Questões Cruciais
No. 8



R. C. Sproul

EDITORA FIEL

O Que é Fé
Traduzido do original em inglês
What is Faith?, por R. C. Sproul
Copyright © 2010 by R. C. Sproul

Publicado por Reformation Trust Publishing
400 Technology Park, Lake Mary, FL 32746

Copyright©2012 Editora FIEL.
eBook – 1ª Edição em Português 2013

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por Editora Fiel da Missão Evangélica Literária
Proibida a reprodução deste livro por quaisquer meios, sem a permissão escrita dos editores, salvo em breves citações, com indicação da fonte.

Presidente: James Richard Denham III.
Presidente emérito: James Richard Denham Jr.
Editor: Tiago J. Santos Filho
Tradução: Francisco Wellington Ferreira
Revisão: Elaine R. O. Santos
Diagramação: Rubner Durais
Capa: Gearbox Studios
E-book: Daniel Gardner
ISBN: 978-85-8132-141-7



Uma Visão Esperançosa

Quando falamos sobre o cristianismo, provavelmente o chamamos mais "a fé cristã" do que "a religião cristã". Isto é apropriado, pelo fato de que o conceito de fé é fundamental para o cristão, porque a fé é central ao ponto de vista bíblico sobre a redenção. Entretanto, a fé é um conceito multifacetado, e os cristãos se esforçam para entender com exatidão o que é a fé.

Neste livro, quero explorar a natureza da fé conforme definida na Bíblia. Focalizaremos como a fé está relacionada à nossa salvação e discutiremos os elementos necessários para o que chamamos de "fé salvadora". Também examinaremos como a fé se relaciona à razão e veremos outras questões que encontramos na Bíblia, a respeito deste conceito.

A FÉ É A CERTEZA DA ESPERANÇA

Na Bíblia, a definição mais fundamental da fé está em Hebreus: "Ora, a fé é a certeza de coisas que se esperam, a convicção de fatos que se não veem. Pois, pela fé, os antigos obtiveram bom testemunho". Observe a distinção que o autor de Hebreus faz entre fé e esperança. Estas ideias estão intimamente conectadas, mas, apesar disso, são distintas. De maneira semelhante, Paulo escreve em 1 Coríntios 13, sobre a grande tríade de virtudes cristãs: fé, esperança e amor. Esta passagem também revela que há uma distinção entre fé e esperança.

Antes de explorarmos a ligação entre estes conceitos, deixe-me falar sobre a ideia bíblica de esperança, porque, no Novo Testamento, a palavra **esperança** funciona de maneira diferente de como o faz nos países ocidentais hoje. Quando usamos a palavra **esperança**, estamos frequentemente nos referindo a um estado emocional de desejo, em nosso coração, a respeito do que gostaríamos que acontecesse no futuro, mas não estamos certos de que isso acontecerá. Podemos esperar que nossos times favoritos vençam campeonatos esportivos, mas essa esperança pode nunca se concretizar. Por exemplo, sou um fã constante do Pittsburgh Steelers e espero, regularmente, que os Steelers vençam as suas partidas de futebol americano. Isto pode ser uma esperança vã e fútil, porque é qualquer coisa, exceto uma certeza. Há um tipo de esperança que não nos envergonha (cf. Rm 5.5), mas estou constantemente temeroso de que minhas esperanças quanto aos Steelers me deixem envergonhado, porque, embora vençam campeonatos, eles perdem partidas.

No entanto, quando a Bíblia fala de esperança, ela não se refere a um desejo por um resultado futuro que é incerto, e sim a um desejo por um resultado futuro que é totalmente certo. Baseados em nossa confiança nas promessas de Deus, podemos ter plena certeza quanto ao resultado. Quando Deus dá ao seu povo uma promessa sobre o futuro, e a igreja a toma para si, esta esperança é designada a "âncora da alma" (Hb 6.19). Uma âncora é aquilo que dá a um navio proteção contra o flutuar sem rumo no mar. As promessas de Deus, quanto ao amanhã, são a âncora para os crentes, hoje.

Quando a Bíblia diz que "a fé é a **certeza** de coisas que se esperam" (Hb 11.1 – ênfase acrescentada), ela está falando de algo que tem consistência ou importância – algo de valor extremo. A implicação é que a fé comunica a essência da esperança.

Num sentido real, a esperança é a fé aguardando. A palavra **fé** possui um forte elemento de confiança. Se a minha esperança se baseia em algo que Deus falou que acontecerá no futuro, a esperança que tenho, quanto à promessa futura, obtém sua substância de minha confiança naquele que fez a promessa. Posso ter esperança porque tenho fé em Deus. Se posso confiar na promessa de Deus quanto ao amanhã, há uma substância para a minha esperança; minha esperança não é apenas uma quimera, uma fantasia ou uma projeção de desejo que se baseia em sonhos inúteis. Pelo contrário, ela está baseada em algo que tem substância.

A FÉ É A CONVICÇÃO DE FATOS QUE SE NÃO VEEM

A definição de fé continua, dizendo: “A fé é... a convicção de fatos que se não veem”. O autor usa uma referência a um dos sensos do corpo humano pelo qual ganhamos conhecimento, o senso da visão. Há uma expressão popular que diz: “Ver é crer”. De modo semelhante, pessoas do Missouri gostam de dizer: “Mostre-me”. Esta atitude não é oposta à fé bíblica, porque o Novo Testamento nos chama a colocar nossa confiança no evangelho não com base em algum salto irracional no escuro, e sim com base nas afirmações de testemunhas oculares, que relataram nas Escrituras o que elas viram.

Pense, por exemplo, no testemunho apostólico de Pedro: “Porque não vos demos a conhecer o poder e a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo seguindo fábulas engenhosamente inventadas, mas nós mesmos fomos testemunhas oculares da sua majestade” (2 Pe 1.16). De modo semelhante, quando Lucas começa seu evangelho, ele se dirige a Teófilo nestes termos: “A mim me pareceu bem, depois de acurada investigação de tudo desde sua origem, dar-te por escrito... uma exposição em ordem” (Lc 1.3). Ele está falando de coisas que substanciou com base no testemunho ocular de outros. Da mesma maneira, quando Paulo defende sua confiança na ressurreição de Cristo, em 1 Coríntios 15, ele apela para testemunhas que viram pessoalmente Cristo ressuscitado: Cefas, os doze, os quinhentos, Tiago e todos os apóstolos (vv. 5-7). Em seguida, ele escreve: “Afinal, depois de todos, foi visto também por mim, como por um nascido fora de tempo” (1 Co 15.8). Paulo está dizendo: “Creio na ressurreição porque muitas testemunhas oculares viram Cristo ressuscitado, e eu mesmo o vi”.

Portanto, no Novo Testamento há uma ligação entre fé e ver, mas, apesar disso, o autor de Hebreus descreve a fé como a convicção de coisas **não** vistas. Talvez seja por isso que algumas pessoas argumentem que há uma base bíblica para considerarem a fé cega como virtuosa. Afinal de contas, se alguém não pode ver, dizemos que ele é cego; portanto, se a fé é a convicção do que não pode ser visto, isso tem de significar que a fé sobre a qual o autor está falando é a fé cega.

Não posso pensar em algo que esteja mais longe do significado de Hebreus 11.1-2 do que a fé cega. Aqueles que promovem esse tipo de fé dizem: “Cremos no que cremos sem qualquer razão; a razão, aliás, é totalmente desnecessária”. A ideia é que existe alguma virtude em fecharmos os olhos, respirarmos profundamente e desejarmos, com toda a nossa força, que alguma coisa seja verdade – e, depois, dizermos: “É verdade”. Isto é credulidade e não fé.

A Bíblia nunca afirma que devemos dar um salto no escuro. Na verdade, a exortação bíblica é que as pessoas saiam das trevas para a luz (cf. Jo 3.19). A fé não é cega, no sentido de ser arbitrária, excêntrica ou uma mera expressão de desejo humano. Se assim fosse, por que o autor de Hebreus diria que a fé é "a **convicção** de fatos que se não veem"?

Quando a fé é ligada à esperança, ela é colocada na estrutura de tempo do futuro, e uma coisa que eu não posso ver de maneira alguma é o amanhã. Nenhum de nós já experimentou o amanhã. Como disse antes, espero que o Pittsburgh Steelers vença todas as suas partidas de futebol. Mas não posso saber de antemão se isso acontecerá ou não.

No entanto, Hebreus diz que a fé é a **convicção** de coisas que não vemos. A ideia é esta: eu não sei o que o amanhã trará, mas sei que Deus sabe o que o amanhã trará. Portanto, se Deus promete que o amanhã trará algo, e se eu confio em Deus quanto ao amanhã, tenho fé em algo que ainda não vejo. Essa fé serve como convicção, porque seu objeto é Deus. Eu o conheço; ele tem uma reputação sublime – é infalível e nunca mente. Deus sabe tudo e é perfeito em tudo que comunica. Por isso, se Deus me diz que algo acontecerá amanhã, eu creio nisso, embora não o veja.

Isto não é credulidade ou irracionalidade. Pelo contrário, é irracional **não** crer no que Deus afirma a respeito de algum acontecimento futuro.

O que Deus afirma a respeito do futuro? Ele não somente nos revela os eventos de amanhã que ainda não vemos, mas também nos revela muito sobre a esfera sobrenatural que nossos olhos não podem penetrar. Não podemos ver os anjos neste tempo. Não podemos ver o céu. Mas Deus nos revela a realidade destas coisas, e, pela fé, vemos que elas têm substância, porque Deus é digno de confiança.

FÉ É CRER EM DEUS

Quando Deus foi a Abraão, que é conhecido como "o pai dos que creem" (ver Rm 4.11-16), ele lhe falou sobre o futuro. Ele disse: "Sai da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai e vai para a terra que te mostrarei; de ti farei uma grande nação, e te abençoarei, e te engrandecerei o nome. Sê tu uma bênção! Abençoarei os que te abençoarem e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem; em ti serão benditas todas as famílias da terra" (Gn 12.1-3).

Abraão creu em Deus. Ele saiu, não sabendo para onde iria, e partiu para uma terra e um futuro que nunca tinha visto. O Novo Testamento nos diz que ele

“aguardava a cidade que tem fundamentos, da qual Deus é o arquiteto e edificador” (Hb 11.10). Abraão não era um explorador que procurava um tesouro perdido, baseado numa lenda sobre espólios de piratas escondidos numa caverna, em um lugar qualquer. Abraão procurava um lugar porque Deus lhe havia dito que lhe mostraria o lugar. Ele creu em Deus, quanto ao que ainda não tinha visto e, fazendo isso, tornou-se o pai dos que creem.

Como Abraão, somos peregrinos e forasteiros neste mundo, e procuramos uma pátria celestial, a cidade cujo arquiteto e edificador é Deus. Ainda não vimos esta cidade, mas sabemos que ela existe, e a convicção para isto é a confiança que temos naquele que promete que isto acontecerá.

Em essência, isto é a fé. Não é crer **em** algo sobre Deus. É crer no próprio **Deus**. A fé cristã diz respeito a crer no próprio Deus. É viver por meio de toda palavra que procede da boca de Deus (Dt 8.3; Mt 4.4). É seguir a Deus, para lugares em que nunca estivemos, em situações que nunca experimentamos, a países que nunca vimos – porque sabemos quem ele é.

Este é o tipo de fé que a Bíblia chama, em determinado sentido, fé como de criança; não é fé **infantil**, e sim **como de criança**. Quando éramos crianças, tínhamos pouco conhecimento do que era seguro e do que era perigoso. Colocávamos a mão na mão de nosso pai ou de nossa mãe, e eles nos levavam pela rua. Quando chegávamos numa esquina, não sabíamos a diferença entre a luz verde e a luz vermelha. Quando eles paravam, nós parávamos. Quando desciam da calçada e atravessavam a rua, íamos com eles. Confiávamos em nossos pais porque estávamos sob o seu cuidado.

Infelizmente, há pais tão perversos que violam a confiança que seus filhos pequenos lhes dão. Estes pais espancam seus filhos e, às vezes, os matam. No entanto, na maioria dos casos, a confiança de uma criança em seu pai ou em sua mãe não é uma coisa irracional. Por analogia, somos chamados a confiar em Deus, saber que ele está cuidando de nós. Ele não nos levará ao desastre. A fé como de uma criança tem confiança no caráter de Deus, que nos tem como seus filhos.

A peregrinação da vida cristã é uma jornada de fé. Começa quando Deus cria fé em nosso coração. No primeiro estágio de nossa experiência cristã, recebemos a Cristo e cremos nele para a nossa redenção, mas toda a peregrinação do cristão está alicerçada e fundamentada nessa confiança, nessa dependência. Todo o processo é definido como viver na fé (cf. Cl 2.6). Essa é a razão por que Deus falou ao profeta Habacuque: “O justo viverá pela sua fé”.

Habacuque ficou confuso, pelo fato de que Deus estava permitindo que seu

povo escolhido fosse derrotado por uma nação pagã e colocado num estado de opressão. Habacuque disse que subiria à sua torre de vigia e esperaria o que Deus lhe declararia. Ele escreveu:

> Pôr-me-ei na minha torre de vigia, colocar-me-ei sobre a fortaleza e vigiarei para ver o que Deus me dirá, e que resposta eu terei à minha queixa. O SENHOR me respondeu e disse: Escreve a visão, grava-a sobre tábuas, para que a possa ler até quem passa correndo. Porque a visão ainda está para cumprir-se no tempo determinado, mas se apressa para o fim e não falhará; se tardar, espera-o, porque, certamente, virá, não tardará. Eis o soberbo! Sua alma não é reta nele; mas o justo viverá pela sua fé (Hc 2.1-4).

Esta afirmação, aparentemente inofensiva, “o justo viverá pela sua fé”, é citada três vezes no Novo Testamento (Rm 1.17; Gl 3.11; Hb 10.38). É um tema central nos escritos de Paulo. Significa que Deus se agrada quando seu povo vive por confiar nele.

Deus falou a Habacuque: “Eu responderei à sua pergunta, mas não a responderei imediatamente. Você tem de esperar. Mas, enquanto espera, lembre-se de que a resposta virá certamente”. Depois, ele fez o contraste com o soberbo, que não é reto, que vive de acordo com o que vê, pelo que está imediatamente diante de si. Ele não tem tempo para confiar nas promessas invisíveis de Deus. O homem de fé está em contraste notável. Embora as promessas de Deus demorem, ele tem certeza de que elas se realizarão, e o justo, aos olhos de Deus, é a pessoa que vive pela fé.

Esta expressão “o justo viverá pela sua fé” é traduzida por Jesus em seu conflito com Satanás, no deserto, quando Jesus lembra ao Diabo que o homem não vive só de pão, mas de toda palavra que procede da boca de Deus (Mt 4.4). Dizer que vivemos de todas as palavras que Deus fala é o mesmo que dizer que vivemos pela fé. Encontramos a Deus em sua Palavra. Confiamos nossa vida, alma e corpo a ele, ao seu sistema de valores, à sua estrutura e à sua Palavra.

FÉ E EVIDÊNCIA

À medida que o autor de Hebreus continua a desdobrar o significado de fé, ele conduz nossa atenção para um dos mais admiráveis espetáculos que os nossos olhos podem contemplar: o universo em que vivemos. Lemos: “Pela fé, entendemos que foi o universo formado pela palavra de Deus, de maneira que o visível veio a existir das coisas que não aparecem” (Hb 11.3). Esta é uma

sentença um tanto complicada, mas observe que a origem divina da criação é aceita por um ato de fé, e não por um ato de credulidade.

Muitas pessoas acham que o conflito atual entre ciência e religião é um conflito entre razão e irracionalidade. Mas a Bíblia não nos chama a crer no ato divino da criação simplesmente por meio de um salto de fé, ou de uma crucificação do intelecto pela qual ignoramos o que a razão pode nos ensinar. Os grandes teólogos da história da igreja – homens como Agostinho, Tomás de Aquino, por exemplo – fizeram distinção entre fé e razão, mas insistiram no fato de que aquilo que aceitamos pela fé nunca é irracional.

Fé e razão também não são opostos. Tanto Agostinho, como Tomás de Aquino, acreditavam que toda verdade é verdade de Deus, e que toda verdade vem de Deus. Deus revela sua verdade não somente por meio da Bíblia, mas também por meio do que chamamos "revelação natural". Gênesis 1 e 2 nos mostra que Deus é o Criador de todas as coisas, mas também "os céus proclamam a glória de Deus, e o firmamento anuncia as obras das suas mãos" (Sl 19.1).

Na Epístola aos Romanos, Paulo nos diz que os atributos invisíveis de Deus – são invisíveis no sentido de que não podemos vê-los – podem ser percebidos por meio das coisas que foram criadas (Rm 1.20). Em outras palavras, um conhecimento do Deus invisível é-nos revelado por intermédio do que é visível. A própria criação proclama a realidade do Criador. Portanto, não deve haver conflito em nosso entendimento da natureza do universo, e nosso entendimento da origem do universo, que ninguém viu.

Há muitos anos, correspondi-me com o Dr. Carl Sagan, o falecido astrônomo e astrofísico, quando ambos respondemos a uma publicação sobre perguntas de teologia e cosmogonia filosófica. Falamos sobre a teoria do "Big Bang" que ele expunha. Sagan disse que, por meio do aparato científico, podemos, agora, retornar até ao nanossegundo do momento do Big Bang. Eu respondi: "Bem, vamos retornar até antes disso. Em sua opinião, o que havia lá antes desta explosão? Você disse que havia uma concentração completa de toda a matéria e energia em um infinitésimo ponto de singularidade, um ponto que estivera num estado de organização e inércia pela eternidade, mas que, repentinamente, decidiu explodir. Quero saber quem o fez mover-se. Quero saber que força exterior perturbou sua inércia". Sagan respondeu: "Ora, não podemos ir até esse ponto. Não precisamos ir até ele". Eu disse: "Sim, precisamos **realmente** ir até esse ponto, porque, se você supõe que o Big Bang aconteceu livremente, está falando de mágica e não de ciência".

O fato é que nenhum cientista estava presente como observador desse evento. Não houve testemunhas oculares da criação. Por isso, chegamos à origem do universo por meio de algum tipo de dedução das coisas que vemos ou olhamos para a revelação sobrenatural que Deus nos dá, que antecede o universo material como o conhecemos. Creio que, de qualquer das maneiras, chegamos à mesma conclusão.

Hebreus nos diz: "Pela fé, entendemos que foi o universo formado pela palavra de Deus, de maneira que o visível veio a existir das coisas que não aparecem" (11.3). É como se estivesse dizendo: "As coisas que são vistas não procedem de coisas que são vistas". Em algum ponto de sua análise científica, quando você começa a raciocinar para trás, a partir do que pode ver, se depara com a necessidade de uma causa não física e invisível para tudo o que vê. Essa é a razão por que, historicamente, os teólogos cristãos têm falado de "criação **ex nihilo**" – criação **a partir do nada**.

É claro que isso não significa que nada estava envolvido, porque Deus é algo e não um nada. Um ser eterno e autoexistente foi a causa eficaz do universo. Ele o trouxe à existência. A ideia por trás de **ex nihilo** é apenas que Deus não simplesmente reorganizou ou remodelou a matéria pré-existente, como um oleiro molda o barro em um vaso atraente. Em vez disso, Deus trouxe o mundo físico à existência a partir do nada. Se Deus houvesse trazido o mundo à existência a partir de matéria preexistente, essa matéria teria exigido uma causa **material**, e esse próprio material teria exigido uma causa material, e assim por diante, em todo o processo regressivo até à eternidade, o que é um absurdo. Não, "o visível veio a existir das coisas que não aparecem".

Portanto, quando Hebreus 11.3 diz que entendemos a criação pela fé, isso significa que devemos confiar na Palavra de Deus quanto a este assunto. Não estávamos lá, na criação, mas Deus estava, e ele nos dá um relato sobre a criação. Ele diz: "Foi assim que aconteceu. Eu ordenei que o universo viesse à existência. Eu sou o que sou. Tenho o poder de existência em e de mim mesmo. Sou eterno. Sou o autor da existência não eterna, de um universo infinito. Ele veio à existência por meio de meu poder criador. Eu disse: 'Haja luz', e houve luz".

Nós cremos na Palavra de Deus, para entendermos que o mundo em que vivemos foi planejado, estruturado e criado pela Palavra de Deus, de modo que as coisas visíveis não foram criadas a partir de coisas que eram (ou são) visíveis. Não podemos achar nada no universo que tenha, em si mesmo, poder suficiente para explicar sua existência. De fato, quanto mais o analisamos, tanto mais finito

e dependente ele demonstra ser.



EXEMPLOS DE FÉ

Como filósofo cristão e existencialista, Soren Kierkegaard mostrou-se um tanto negativo, quanto à cultura europeia no século XIX. Certa vez, ele disse: “Que outros lamentem que nossa época é má; o meu lamento é que ela é desprezível”.*1*Ele queria dizer que sua época era um tempo em que as pessoas não tinham uma fé entusiasta. Para aliviar seu desânimo, ele se voltava às páginas do Antigo Testamento: “Ali, pelo menos, você sente que os seres humanos falam. Ali, pessoas odeiam, pessoas amam, pessoas matam seus inimigos e amaldiçoam seus descendentes por todas as gerações, ali as pessoas pecam”.*2* Ele não estava se regozijando nestes comportamentos pecaminosos. Estava apenas observando que os santos do Antigo Testamento exerciam sua fé, em meio aos tumultos e lutas da vida real.

Como Kierkegaard, volto-me às histórias contidas nas páginas do Antigo Testamento, para ver exemplos de carne e osso do que significa viver pela fé. O autor da Epístola aos Hebreus fez o mesmo e reuniu muitos destes exemplos, naquilo que chamamos de galeria de heróis e heroínas da fé (Hb 11.4-40). À medida que consideramos estes exemplos, aprendemos muito sobre a natureza da fé.

ABEL: DANDO HONRA A DEUS

A galeria de heróis da fé começa com um dos primeiros homens de Deus: “Pela fé, Abel ofereceu a Deus mais excelente sacrifício do que Caim; pelo qual obteve testemunho de ser justo, tendo a aprovação de Deus quanto às suas ofertas. Por meio dela, também, mesmo depois de morto, ainda fala” (Hb 11.4).

Aqui, vemos que a fé não é apenas confiar em Deus quanto ao futuro, ou crer na Palavra de Deus quanto à verdade sobre coisas que são invisíveis aos nossos olhos, inclusive coisas que aconteceram no passado, como a criação. A fé é também o meio pelo qual vivemos em resposta aos mandamentos de Deus.

O texto nos diz que Abel ofereceu a Deus sacrifício mais excelente do que Caim. No livro de Gênesis, lemos como ambos, Caim e Abel, ofereceram seus sacrifícios a Deus (4.3-7). Deus aceitou o sacrifício de Abel, mas rejeitou o de Caim. Algumas pessoas argumentam que a razão para a diferença na reação de Deus é o fato de que Abel ofereceu um sacrifício de animal, enquanto Caim ofereceu produtos do campo. Mas não temos, na Bíblia, nenhuma indicação de que somente sacrifícios de animais eram aceitáveis a Deus. O Antigo Testamento apresenta diversas ocasiões para ofertas de grãos, cereais e outros produtos do campo. Portanto, não é apropriado concluir que Deus aceitou o sacrifício de Abel e rejeitou o de Caim por causa da natureza dos próprios sacrifícios. Em vez disso, Abel é elogiado em Hebreus 11, não porque ele ofereceu um animal, e sim porque ofereceu seu sacrifício pela fé.

Como vemos em todo o Antigo Testamento, Deus era muito interessado na atitude do coração da pessoa que trazia o sacrifício ao altar. Muito frequentemente, na época do Antigo Testamento, as pessoas eram levadas apenas pelas emoções e ofereciam sacrifícios de maneira mecânica, pelo que se tornavam hipócritas. Deus afirmou: “Aborreço, desprezo as vossas festas e com as vossas assembleias solenes não tenho nenhum prazer” (Am 5.21). Ele ficava descontente com a falta de fé do povo quando realizavam suas práticas religiosas. Contudo, isso acontece em toda geração. Pessoas vão à igreja a cada domingo e praticam atos religiosos, enquanto seu coração está longe de Deus. Elas praticam sua religião como atores em uma peça, mas sem fé, sem um compromisso real com Deus.

Quando Abel trouxe seu sacrifício a Deus, ele o trouxe com o sacrifício de louvor. Ele queria honrar a Deus. Estava tentando ser obediente e manifestar seu amor a Deus em confiança nele. Foi um genuíno ato de adoração. Mas Caim trouxe um sacrifício numa atitude hipócrita. De fato, logo depois percebemos o verdadeiro caráter de Caim. Ele sentiu inveja porque Deus aceitou o sacrifício de seu irmão; por isso, se levantou com ira invejosa e matou Abel. Caim era um

homem que não tinha fé, como demonstrou em sua obra perversa. Mas a vida de Abel foi marcada por fé.

ENOQUE: AGRADANDO A DEUS

Em Hebreus 11.5, lemos: “Pela fé, Enoque foi trasladado para não ver a morte; não foi achado, porque Deus o trasladara. Pois, antes da sua trasladação, obteve testemunho de haver agradado a Deus”. Esta vinheta se baseia na de Abel. Enoque foi trasladado (ou seja, não provou a morte física) porque agradou a Deus. Em seguida, o autor de Hebreus explica a conexão com a fé: “De fato, sem fé é impossível agradar a Deus, porquanto é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe e que se torna galardoador dos que o buscam” (v. 6).

Não podemos nos aproximar de Deus se não cremos que ele existe. É simples, não é? Não podemos agradar a Deus se não cremos que ele existe, e recompensa àqueles que o buscam. Enoque demonstrou sua fé por procurar agradar a Deus, como o fazem as pessoas que têm fé. Portanto, a fé é essencial à motivação do coração humano em viver de uma maneira que honra a Deus.

Vemos isso também nos evangelhos. Quando Jesus se encontrou com pessoas que se esforçaram para honrá-lo, ele as elogiou por sua fé. Isso aconteceu porque ninguém se importa em honrar uma pessoa que ele crê que não existe ou que é indigna de honra.

Pesquisas de opinião pública continuam a indicar que uma elevada porcentagem de americanos crê na existência de Deus, mas o cálculo é essencialmente sem significado. Geralmente a pergunta é formulada nestes termos: “Você crê na existência de um ser supremo, um poder mais elevado ou algo maior do que você mesmo?” Qualquer pessoa crê num poder mais elevado. A poeira cósmica é um poder mais elevado. Mas não é Deus. Quando os pesquisadores fazem uma sondagem mais ampla, perguntando: “Você quer agradar a Deus e viver para ele?”, o número de respostas positivas se torna muito menor.

Portanto, muitos de nós somos ateístas na prática. Podemos ser teístas na teoria, mas nossa vida mostra um tipo de ateísmo prático em que não vivemos para agradar a Deus. Se não vivemos para agradar a Deus, isso só pode acontecer porque não cremos realmente que ele é digno de nossa atenção.

Já foi dito que, se você quer descobrir em que uma pessoa realmente crê, deve analisar os gastos dela. Como Jesus disse: “Onde está o vosso tesouro, aí estará

também o vosso coração” (Lc 12.34). Portanto, se você quer saber onde está o seu coração, examine o seu tesouro. Você investe no reino de Deus ou em seus próprios reinos? A pessoa que vive pela fé vive para agradar a Deus, e não aos homens. Enoque foi distinguido porque ele tinha, em sua vida, uma paixão intensa por agradar a Deus. Isso é o que uma pessoa de fé faz.

NOÉ: UM LOUCO POR CAUSA DE CRISTO

O próximo herói da fé, citado em Hebreus 11, é Noé: “Pela fé, Noé, divinamente instruído acerca de acontecimentos que ainda não se viam e sendo temente a Deus, aparelhou uma arca para a salvação de sua casa; pela qual condenou o mundo e se tornou herdeiro da justiça que vem da fé” (v. 7). Deus advertiu Noé de que mandaria um grande dilúvio sobre a terra, para destruir a raça humana por causa de seu pecado, mas ordenou a Noé que fizesse um grande barco para salvar sua família e as espécies de animais (Gn 6). Com temor reverente, Noé fez exatamente o que Deus ordenara.

Sabemos que Noé gastou muitos anos para construir a arca, e muitos eruditos bíblicos têm argumentado que Noé deve ter sido ridicularizado pelas pessoas de seu tempo. Anos atrás, ouvi uma comédia em que Bill Cosby fazia o papel de Noé. Enquanto ele construía a arca no meio do deserto, seus amigos vinham e perguntavam: “Noé, o que você está fazendo?” Ele respondia: “Construindo um barco”. “Por quê?” “Bem, porque haverá um dilúvio”. Cosby expressou bem o ridículo que Noé provavelmente experimentou, quando deu a resposta das pessoas: “Sim, com certeza!”

Construir uma arca no meio de um deserto é certamente ridículo em si mesmo. Mas Noé creu em Deus e estava disposto a ser o que o Novo Testamento chama de “louco por causa de Cristo” (1 Co 4.10). Ele pôs sua confiança não nas opiniões do mundo, e sim na opinião de Deus. Noé construiu a arca, pela qual a raça humana sobreviveu, porque ele vivia pela fé.

As Escrituras dizem, a este respeito, que a atividade de Noé “condenou o mundo” (Hb 11.7a). A sua fidelidade expôs a infidelidade das outras pessoas de seus dias. Por meio desta fé, Noé “se tornou herdeiro da justiça que vem da fé” (v. 7b).

ABRAÃO: A FÉ QUE OBEDECE

Depois de falar sobre a fé de Abel, de Enoque e de Noé, o autor de Hebreus

chega a Abraão. Como mencionei no capítulo anterior, este homem foi chamado o "pai dos que creem". Em Hebreus 11.8, lemos: "Pela fé, Abraão, quando chamado, obedeceu, a fim de ir para um lugar que devia receber por herança" (Hb 11.8). Observe que, neste versículo, a palavra FÉ está conectada com a palavra OBEDECEU. Viver em submissão ao que Deus ordena é a essência da fé. Isso foi o que Abraão fez em grau profundo, pelo que ele é chamado o pai dos que creem. Quando Abraão ainda vivia no paganismo, Deus lhe apareceu e lhe fez a promessa de que seria o pai de uma grande nação. A Bíblia nos diz que Abraão "creu no Senhor, e isso lhe foi imputado para justiça" (Gn 15.6).

Paulo desenvolveu o ensino de que Abraão representa o grande exemplo de uma pessoa que é justificada pela fé e não pelas obras (Rm 4.17). Quando uma pessoa aceita as promessas de Deus que estão em Cristo, essa pessoa é instantaneamente justificada. Foi assim que Abraão foi contado (ou reputado) como justo por Deus, porque ele creu na promessa de Deus. À medida que o tempo passava, Abraão demonstrava sua fé por meio de obediência. Essa é a razão por que, mais tarde, Tiago se refere a Gênesis 22, quando Abraão ofereceu Isaque sobre o altar, demonstrando o fruto de sua fé por meio de obediência (Tg 2.21).

Portanto, o autor de Hebreus diz que foi pela fé que Abraão obedeceu, quando Deus o chamou para ir a um lugar que ele não conhecia. Pensemos sobre isso. Podemos apresentá-lo de maneira sensacional e torná-lo mais piedoso do que real, mas a verdade é que Abraão era um homem velho. Ele tinha suas raízes estabelecidas firmemente na Mesopotâmia. Sua família era desse lugar. Seus bens estavam ali. Sua herança estava ali. Mas, quando já era velho, Deus veio até ele e lhe disse: "Quero que você saia desta terra. Saia do lugar em que você está culturalmente confortável. Farei de você um forasteiro numa terra alheia e estranha. Eu lhe mostrarei onde fica essa terra".

Assim, Abraão arrumou suas coisas e partiu. Se já houve uma aventura realizada tão somente pela fé, essa aventura foi a imigração de Abraão para uma terra estranha. É por isso que a Bíblia nos diz: "Pela fé, peregrinou na terra da promessa como em terra alheia, habitando em tendas com Isaque e Jacó, herdeiros com ele da mesma promessa; porque aguardava a cidade que tem fundamentos, da qual Deus é o arquiteto e edificador" (Hb 11.9-10).

Há algo significativo a respeito do estilo de vida de Abraão como homem de fé, bem como de seus filhos e de seus netos. Abraão teve uma vida de peregrino. Ele não tinha um endereço permanente. Vivia numa tenda; e essa foi também a experiência do povo de Israel. Eles eram seminômades. Mudavam para lugares

diferentes quando a situação climática mudava, para garantir sustento para seus rebanhos. Tinham de ir para onde havia grama crescendo, em tempos específicos. Assim, não havia um lugar permanente que podiam chamar de lar. Abraão esperava e procurava não uma cidade que era terrena, e sim uma cidade cujo edificador era Deus.

No entanto, Abraão procurava algo mais do que uma terra. Lembre as palavras de Jesus: “Se vós permanecerdes na minha palavra, sois, verdadeiramente, meus discípulos; e conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará” (Jo 8.31-32). Os fariseus se ofenderam com isso e responderam: “Somos descendência de Abraão e jamais fomos escravos de alguém” (v. 33). Jesus disse: “Se sois filhos de Abraão, praticai as obras de Abraão... Abraão, vosso pai, alegrou-se por ver o meu dia, viu-o e regozijou-se” (vv. 39, 56). Jesus estava dizendo o mesmo que o autor de Hebreus disse: “Abraão aguardava não somente a promessa da terra, ele aguardava a promessa do Redentor, a qual se cumpriu na pessoa de Cristo”.

Quando Paulo ensinou a doutrina da justificação somente pela fé, em sua Epístola aos Romanos, sua “Exibição A”, a pessoa que ele usou para ilustrar como a salvação opera foi Abraão. Ele formulou o ensino de que pessoas no Antigo Testamento eram redimidas exatamente da mesma maneira como as pessoas são redimidas hoje. Não havia um meio de salvação em Israel e outro meio na comunidade (cristã) da nova aliança. A justificação é pela fé agora; a justificação era pela fé naquele tempo. As bases meritórias de salvação no Antigo Testamento eram os méritos de Cristo, e não os méritos de touros e de bodes. Como lemos em outra passagem de Hebreus, o sangue de touros e de bodes não podiam, jamais, remover o pecado (Hb 10.4, 11), mas aqueles sacrifícios apontavam para além de si mesmos (Hb 9.13-14). Eles prefiguravam ou prenunciavam a vinda do Messias, cujo sangue removeria o pecado.

A única diferença entre Abraão e nós é a direção de tempo. Abraão olhava para frente, para a cruz; nós olhamos para trás, para a cruz. A fé de Abraão estava na promessa; nossa fé está no cumprimento da promessa. Mas o meio de salvação era o mesmo para Abraão, como o é para nós hoje.

SARA: CONSIDERANDO A DEUS COMO FIEL

O autor de Hebreus prossegue e fala sobre Sara, a esposa de Abraão: “Pela fé, também, a própria Sara recebeu poder para ser mãe, não obstante o avançado de sua idade, pois teve por fiel aquele que lhe havia feito a promessa. Por isso,

também de um, aliás já amortecido, saiu uma posteridade tão numerosa como as estrelas do céu e inumerável como a areia que está na praia do mar" (Hb 11.11-12).

Como o seu marido, Sara considerou a Deus como fiel. Esta é a dinâmica da fé. Como disse antes, a fé não é crer que há um Deus. A fé é crer em Deus. A fé é confiar na fidelidade de Deus. Quando eu sou fiel, estou confiando naquele que considero perfeitamente fiel. Foi isso que Sara fez, e isso é o que as pessoas fazem hoje quando põem sua confiança em Deus, porque reconhecem que, em última análise, somente ele é digno de plena confiança.

Em Hebreus 11.13-16, há um tipo de interlúdio na lista de heróis: "Todos estes morreram na fé, sem ter obtido as promessas; vendo-as, porém, de longe, e saudando-as, e confessando que eram estrangeiros e peregrinos sobre a terra. Porque os que falam desse modo manifestam estar procurando uma pátria. E, se, na verdade, se lembrassem daquela de onde saíram, teriam oportunidade de voltar. Mas, agora, aspiram a uma pátria superior, isto é, celestial. Por isso, Deus não se envergonha deles, de ser chamado o seu Deus, porquanto lhes preparou uma cidade".

Esta passagem resume a experiência dos que já haviam sido mencionados. Eles tinham muito em comum, incluindo isto: todos morreram na fé. Morreram sem ver ou entender a plena medida das promessas que, em primeiro lugar, os tornaram peregrinos. Deus prometeu a Abraão que ele seria o pai de uma grande nação. Falamos sobre Canaã como a "terra prometida", e ela foi prometida, antes de tudo, a Abraão e à sua descendência. Contudo, a única porção de terra que Abraão realmente possuiu, depois de haver feito sua viagem a partir da Mesopotâmia, foi Macpela, o lugar de sua sepultura. Essa foi a única propriedade que ele herdou realmente, mas ele pode ver o cumprimento futuro da promessa que Deus lhe fez, e creu nisso.

ABRAÃO: CRENDO NO PODER DA RESSURREIÇÃO

O autor de Hebreus acha ainda outro aspecto da fé de Abraão, levando-o a falar de novo sobre o grande patriarca: "Pela fé, Abraão, quando posto à prova, ofereceu Isaque; estava mesmo para sacrificar o seu unigênito aquele que acolheu alegremente as promessas, a quem se tinha dito: Em Isaque será chamada a tua descendência; porque considerou que Deus era poderoso até para ressuscitá-lo dentre os mortos, de onde também, figuradamente, o recobrou" (Hb 11.17-19).

Excetuando o sacrifício obediente de Cristo, talvez, o maior ato de fé, em temor e tremor, registrado em toda a Escritura, seja a resposta obediente de Abraão quando Deus lhe ordenou que sacrificasse seu filho, Isaque. Isto aconteceu depois de haver Deus feito a Abraão a promessa de gerações futuras, por meio de Isaque, e depois de fazê-lo esperar vários anos pelo nascimento de Isaque. Nesse ínterim, Abraão tomou passos para garantir que esta promessa fosse cumprida, com a ajuda de Sara, sua esposa, que, considerando-se estéril, ofereceu sua serva Hagar como mãe-substituta, para que Abraão tivesse um filho e a promessa fosse cumprida. Hagar teve um filho chamado Ismael, mas ele não era o filho da promessa. Por fim, depois de vários anos de espera, Deus abriu o ventre de Sara. E, em sua idade avançada e sua esterilidade, ela deu à luz um filho, que recebeu o nome de ISAQUE. (Quando foi informada que teria um filho, Sara riu; e o nome ISAQUE significa "riso", na língua hebraica.) Todas as esperanças de Abraão, todo o seu destino, estavam envolvidos neste filho.

Então, Deus foi até ele e lhe disse: "Toma teu filho, teu único filho, Isaque, a quem amas, e vai-te à terra de Moriá; oferece-o ali em holocausto, sobre um dos montes, que eu te mostrarei" (Gn 22.2). Abrão, em temor e tremor, saiu para uma viagem de três dias com Isaque. No caminho, Isaque perguntou a Abraão: "Eis o fogo e a lenha, mas onde está o cordeiro para o holocausto?" (v. 7). Abraão respondeu: "Deus proverá para si... o cordeiro" (v. 8).

Creio que podemos ler esta história e fazer de Abraão um santo fictício, com um tipo de falsa piedade, como se ele estivesse dizendo a Isaque: "Não se preocupe com isso, meu filho. Deus suprirá para nós um cordeiro, quando chegarmos ao monte". Não, de maneira alguma. Abraão estava tremendo de medo. Estava se perguntando: "Como Deus pode me pedir que faça isto? Como Deus pode me chamar para um lugar como este, neste tempo, para fazer isto?" Mas ele confiava em Deus, admitindo claramente que, depois de haver matado Isaque, Deus o ressuscitaria dos mortos (Hb 11.19).

Assim, Abraão foi até ao monte designado por Deus, edificou o altar, dispôs a lenha e amarrou seu filho. Mas, quando ele levantou o cutelo, Deus interveio no último minuto possível e disse: "Não estendas a mão sobre o rapaz e nada lhe faças; pois agora sei que temes a Deus" (Gn 22.12). Esta é uma história de fé em grau absoluto. Na Escritura, a única coisa que a excede é a fé do próprio Cristo.

OS DESCENDENTES DE ABRAÃO: UM LEGADO DE FÉ

Em seguida, o autor de Hebreus considera os descendentes de Abraão. Ele

escreve: “Pela fé, igualmente Isaque abençoou a Jacó e a Esaú acerca de coisas que ainda estavam para vir” (Hb 11.20). Embora Esaú fosse o filho primogênito de Isaque, ele desprezou sua primogenitura e vendeu-a para Jacó (Gn 25.34); e Jacó recebeu, com astúcia e engano, a bênção maior (Gn 27.27-29), tudo de acordo com o plano soberano de Deus (Gn 25.23). Depois, Hebreus comenta: “Pela fé, Jacó, quando estava para morrer, abençoou cada um dos filhos de José e, apoiado sobre a extremidade do seu bordão, adorou” (11.21).

Em seguida, vemos José. Apenas uma sentença é dedicada a ele: “Pela fé, José, próximo do seu fim, fez menção do êxodo dos filhos de Israel, bem como deu ordens quanto aos seus próprios ossos” (11.22). Se alguma pessoa do Antigo Testamento viveu pela fé, essa pessoa foi José, porque, na maior parte do tempo em que viveu pela fé, ele estava totalmente sozinho. Não tinha consigo nenhum compatriota da fé judaica. Esteve na prisão em uma terra estranha, acusado falsamente, sentenciado com injustiça; e tudo isso, sozinho. Mas ele confiou em Deus naquela prisão, até que Deus não somente o libertou, mas também o elevou a primeiro-ministro do Egito, a nação mais poderosa do mundo naquele tempo.

Depois, ele chamou toda a sua família para habitar no Egito, mas, quando estava prestes a morrer, sabia que num tempo futuro seu clã deixaria o Egito para ir à Terra Prometida. Por quê? Porque ele conhecia a promessa e sabia que o Egito não era aquela terra. Assim, prevendo a saída dos israelitas do Egito, antes mesmo que ela acontecesse, em seu último desejo e testamento, José deixou instruções para garantir que seus ossos seriam removidos do Egito e levados para a Terra Prometida. Ora, isso é fé. José estava dizendo: “Eu não irei para lá enquanto estiver nesta vida, mas eu quero que meus ossos sejam desenterrados e sepultados de novo na Terra Prometida. Sei que meu povo irá para lá um dia, porque Deus prometeu isso”.

OS PAIS DE MOISÉS: FÉ NA PROVIDÊNCIA

No versículo 23, a lista de heróis da fé começa a aproximar-se dos eventos do êxodo: “Pela fé, Moisés, apenas nascido, foi ocultado por seus pais, durante três meses, porque viram que a criança era formosa; também não ficaram amedrontados pelo decreto do rei”. Os pais de Moisés exerceram fé durante aqueles dias sombrios de sua escravidão no Egito. Exibiram fé tremenda por confiarem à providência de Deus a sua possessão mais valiosa.

Pense nisto: quando Faraó decretou que toda criança do sexo masculino dos hebreus fosse morta, a mãe de Moisés escondeu seu bebê até que seus pulmões

se desenvolvessem ao ponto de ele chorar e ser ouvido. Depois, ela fez um cesto de junco, calafetou-o cuidadosamente com piche, pôs o seu bebê no cesto, colocou-o a flutuar num tributário do Nilo e o deixou ir. Ela deixou o cesto flutuar sob o cuidado da providência divina, e Deus fez a própria filha de Faraó achar este bebê, adotá-lo como seu próprio e criá-lo como um príncipe na corte de Faraó. Que resultado incrível para a fé de uma mãe!

MOISÉS: CONTEMPLANDO A RECOMPENSA

Quando o autor de Hebreus focaliza o próprio Moisés, ele escreve: “Pela fé, Moisés, quando já homem feito, recusou ser chamado filho da filha de Faraó, preferindo ser maltratado junto com o povo de Deus a usufruir prazeres transitórios do pecado; porquanto considerou o opróbrio de Cristo por maiores riquezas do que os tesouros do Egito, porque contemplava o galardão” (11.24-26).

Nesta breve descrição, o autor de Hebreus conta, novamente, a decisão de Moisés que mudou radicalmente sua vida. Em que baseamos nossas decisões? Qual é o sistema de valores pelo qual determinamos seguir um caminho ou outro? Moisés tinha claramente de fazer uma decisão, uma decisão que envolvia uma antítese. Para escolher uma coisa, ele tinha de rejeitar outra. Para ir numa direção, ele tinha de rejeitar a outra direção. Durante a sua criação, ele havia desfrutado das riquezas do palácio, dos benefícios educacionais, de status e privilégios. Ele tinha diante de si uma vida de comodidade e luxo, como jovem criado na corte de Faraó. Mas chegou a um ponto decisivo em sua vida e escolheu não deleitar-se com os tesouros da casa de Faraó. Em vez disso, preferiu “ser maltratado junto com o povo de Deus”.

Quando Moisés fez esta escolha? Foi quando viu um de seus patrícios sendo espancado brutalmente por um oficial de escravos egípcio; ele se levantou e defendeu o hebreu. Moisés foi além dos limites e matou o egípcio e, a partir desse momento, não podia mais voltar atrás. Escolheu o exílio, o banimento para o deserto de Midiã e a pobreza abjeta, em lugar do desfrute contínuo dos “prazeres transitórios do pecado”.

Nenhum pecado jamais tornou qualquer pessoa feliz. O pecado não pode trazer felicidade, mas pode dar prazer, e, quando confundimos prazer com felicidade, estamos bem abertos à sedução do inimigo. Mas os prazeres do pecado são transitórios. Eles passam rapidamente, e Moisés tinha de fazer uma decisão entre o presente e a eternidade, entre os prazeres transitórios do pecado e

as aflições de Cristo, uma decisão que tem valor para todo o sempre.

Posso imaginar as pessoas se aproximando de Moisés, no deserto de Midiã, onde ele ganhava a vida com dificuldade, e perguntando: “Antes, você vivia na corte de Faraó, certo? O que você está fazendo aqui?” Ele teria respondido esta pergunta assim: “Estou vivendo pela fé”. Como Hebreus o diz, ele “considerou o opróbrio de Cristo por maiores riquezas do que os tesouros do Egito, porque contemplava o galardão”.

Quando eu estava no seminário, fui escolhido para pregar um sermão na capela do seminário. No final do sermão, fui cumprimentado por dois grupos. Primeiramente, houve os meus colegas de seminário, que expressaram congratulações. Em segundo, houve um grupo de professores, que estavam bravos. De fato, um deles me empurrou contra a parede e me acusou de distorcer a Bíblia.

Eu não queria, certamente, ser culpado de distorcer as Escrituras; por isso, dirigi-me a um dos meus outros professores, em cuja opinião eu confiava, e perguntei: “Disseram-me que distorci as Escrituras. Eu fiz isso realmente?” Fiquei tão desconcertado, que estava tremendo. Estava morrendo de medo. Mas este professor deu-me um sorriso enorme. Ele disse: “Oh! Como você é bem-aventurado!” Eu não me sentia bem-aventurado e lhe disse isso. Ele acrescentou: “Você não percebe que proclamou a pura Palavra de Deus e que excitou a caixa de maribondos. As pessoas odeiam você por causa de Cristo. Você provou o opróbrio de Cristo! Este é o grande tesouro que você pode ter”.

A diferença entre meu professor e eu era que ele acreditava nisso. Eu não. Queria apenas salvar a minha pele. Eu era um principiante, mas ele entendia as coisas de Deus, assim como Moisés as entendia.

NOSSO MUNDO CONFUSO

O autor de Hebreus continua, citando um exemplo de fé após outro:

> Pela fé, ele [Moisés] abandonou o Egito, não ficando amedrontado com a cólera do rei; antes, permaneceu firme como quem vê aquele que é invisível. Pela fé, celebrou a Páscoa e o derramamento do sangue, para que o exterminador não tocasse nos primogênitos dos israelitas. Pela fé, atravessaram o mar Vermelho como por terra seca; tentando-o os egípcios, foram tragados de todo. Pela fé, ruíram as muralhas de Jericó, depois de rodeadas por sete dias. Pela fé, Raabe, a meretriz, não foi destruída com os desobedientes, porque acolheu com paz aos espias. E que mais direi? Certamente, me faltará o tempo necessário para referir o que há a respeito de Gideão, de

> Baraque, de Sansão, de Jefté, de Davi, de Samuel e dos profetas, os quais, por meio da fé, subjugaram reinos, praticaram a justiça, obtiveram promessas, fecharam a boca de leões, extinguiram a violência do fogo, escaparam ao fio da espada, da fraqueza tiraram força, fizeram-se poderosos em guerra, puseram em fuga exércitos de estrangeiros. Mulheres receberam, pela ressurreição, os seus mortos. Alguns foram torturados, não aceitando seu resgate, para obterem superior ressurreição; outros, por sua vez, passaram pela prova de escárnios e açoites, sim, até de algemas e prisões. Foram apedrejados, provados, serrados pelo meio, mortos a fio de espada; andaram peregrinos, vestidos de peles de ovelhas e de cabras, necessitados, afligidos, maltratados (homens dos quais o mundo não era digno), errantes pelos desertos, pelos montes, pelas covas, pelos antros da terra (Hb 11.27-38).

Vivemos num mundo confuso, em que mendigos vivem no luxo e princesas vivem na pobreza. As pessoas citadas em Hebreus 11 eram aqueles dos quais o mundo não era digno – aqueles que foram serrados pelo meio, apedrejados, afligidos, atormentados e viveram em desertos, montanhas e cavernas. Além de tudo isso, eles não experimentaram o cumprimento da promessa de Deus em suas vidas, “todos estes que obtiveram bom testemunho por sua fé não obtiveram, contudo, a concretização da promessa, por haver Deus provido coisa superior a nosso respeito, para que eles, sem nós, não fossem aperfeiçoados” (vv. 39-40).

O autor está dizendo que estes santos tiveram de esperar por nós. Apenas imagine se Deus tivesse acabado sua obra de redenção cinquenta anos atrás, trinta anos atrás, dez anos atrás. Quantos de nós teríamos perdido o reino? Mas, por nossa causa, nossos pais suportaram estes horrores indescritíveis – e isto é algo que precisamos considerar regularmente. Temos nos separado da história da igreja, da história bíblica e não tomamos com seriedade as coisas pelas quais os pais de nossa fé pagaram com sua vida, bens e saúde.

Quando eu penso no preço que foi pago para resgatar o evangelho das trevas no século XVI, e depois penso na maneira desdenhosa como as mesmas coisas são reputadas no começo do século XXI, simplesmente não entendo. Ou não assimilamos a doçura do evangelho, ou não sabemos nada sobre a história do povo de Deus. Há um senso real em que o sangue de nossos pais clama da terra para nós hoje, porque não estamos dispostos a fazer os mesmos sacrifícios que eles fizeram por nós, e Deus não honrará uma igreja constituída de covardes.

Se a igreja tem de ser a igreja triunfante, ela deve ser, primeiramente, a igreja militante. Ela deve estar disposta a entrar numa guerra espiritual, uma guerra que pode custar as nossas vidas. No entanto, se examinamos a história da igreja,

podemos ver que o evangelho brilhou com sua maior intensidade e fulgor naquelas épocas em que os proponentes da fé passaram mais tempo na prisão. Mas gozamos tanto dos confortos deste mundo, que preferimos tê-los a viver como aqueles que foram peregrinos e forasteiros na terra.

Há uma conclusão para esta lista de heróis da fé apresentada em Hebreus 11, mas esta conclusão vem no começo do capítulo 12. Sempre me pergunto como um capítulo pode começar com a palavra "portanto", visto que esta palavra indica a conclusão do que vem antes dela, mas isso é o que acontece em Hebreus 12. Para o nosso benefício, eis a conclusão: "Portanto, também nós, visto que temos a rodear-nos tão grande nuvem de testemunhas, desembaraçando-nos de todo peso e do pecado que tenazmente nos assedia, corramos, com perseverança, a carreira que nos está proposta, olhando firmemente para o Autor e Consumador da fé, Jesus" (Hb 12.1-2a).

Não é interessante que, depois de olhar para estes heróis e heroínas da fé, o autor de Hebreus diz, no final: "Olhemos para aquele que é o Autor e Consumador de nossa fé, 'o qual, em troca da alegria que lhe estava proposta, suportou a cruz, não fazendo caso da ignomínia, e está assentado à destra do trono de Deus' (Hb 12.2b)"? No capítulo seguinte, consideraremos o que significa Jesus ser o Autor e Consumador de nossa fé.

1 Soren Kierkegaard, Either/Or: A Fragment of Life (London: Penguin Books, 1992), 48.
2 Ibid.



UM DOM DE DEUS

Certa vez, conversei com uma garçonete sobre como é ótimo viver na Flórida, especialmente durante os meses frios do ano. A moça indicou que era do Norte, mas ela disse: “Eu não voltaria para o Norte, nem para salvar a minha alma”. Eu disse: “Bem, você e eu discordamos neste ponto. Também não tenho desejo de voltar para o Norte, mas, se fosse para salvar a minha alma, eu não hesitaria em ir”.

Quando falamos “não faria isso ou aquilo para salvar a minha alma”, estamos falando em forma de brincadeira. Ouso dizer que os que usam essa frase nem pensam no sentido literal de suas palavras. Não estão fazendo qualquer tipo de afirmação sobre sua alma. Estão apenas usando uma expressão popular.

Entretanto, no século XVII, a igreja e as pessoas da cultura mais ampla eram muito preocupadas com a salvação da alma humana. A Confissão de Fé de Westminster manifesta esta preocupação, apresentando, em alguns detalhes, as exigências bíblicas para a salvação. No capítulo 14, a confissão delineia o pré-requisito essencial para a salvação. O título do capítulo é “Da Fé Salvadora” e começa com estas palavras: “A graça da fé, pela qual os eleitos são capacitados a crer para a salvação de sua alma, é obra do Espírito de Cristo em seus corações”.

Observe com cuidado as quatro primeiras palavras. A confissão não fala simplesmente da fé. Antes, ela chama nossa atenção para “a graça da fé”. Designa a fé como uma graça, porque ela vem até nós como um dom de Deus –

algo que não podemos comprar, obter ou merecer, de maneira alguma. A definição comum dada na teologia para “graça” é “o favor imerecido de Deus”. Portanto, a fé é uma manifestação da graça de Deus. Em palavras simples, aqueles que são salvos, esses são capacitados ou habilitados a crer até ao fim, para a salvação de sua alma. A fé não é vista como uma realização do espírito humano. Na verdade, a fé não é algo exercido naturalmente por um ser humano caído.

Nisto está o âmago da questão que provoca tanta controvérsia na teologia. Por um lado, Deus exige a fé, mas, por outro lado, a Escritura diz que ninguém pode exercer a fé salvadora se Deus não fizer, sobrenaturalmente, algo para capacitar uma pessoa a exercer a fé.

DÁ-NOS O QUE ORDENAS

Estas palavras referem-se à antiga controvérsia entre o herege Pelágio e Agostinho de Hipona. Agostinho escreveu uma oração em que disse: “Ó Senhor, dá-nos o que ordenas e ordena o que desejares”. Pelágio se opôs à primeira parte da oração. Ele perguntou: “Por que você pede a Deus que lhe dê ou conceda um dom de algo que ele exige?” Em essência, Pelágio estava dizendo: “Se Deus exige algo de uma pessoa, essa pessoa – se Deus é justo – deve ter, em si mesma, a capacidade de satisfazer esta exigência. Do contrário, Deus seria injusto”. A conclusão de Pelágio foi que, se Deus exige perfeição das pessoas, as pessoas devem ter a capacidade de serem perfeitas, sem qualquer ajuda da graça divina. Mas Agostinho estava dizendo: “Não podemos agradar a Deus se ele não nos ajudar, de alguma maneira, a satisfazer as suas exigências”.

A disputa era a respeito da doutrina do pecado original. Agostinho dizia que Deus faz suas exigências de pessoas que são caídas, têm uma natureza corrupta e não têm a capacidade de criar fé em seu próprio coração. Antes de Adão cair, ele tinha a capacidade de responder com fé a Deus, sem a ajuda sobrenatural da graça. Mas, de acordo com Agostinho, depois da queda, o homem não tem essa capacidade; por isso, a graça é um pré-requisito absoluto para satisfazermos as exigências de Deus.

A teologia da Confissão de Fé de Westminster é totalmente agostiniana. Quando ela trata da fé salvadora, ecoa o ensino de Agostinho e da igreja através dos séculos, afirmando que a fé exigida para agradarmos a Deus não é algo que podemos produzir de nossa própria capacidade. Se devemos ter a fé salvadora, Deus, o Espírito Santo, tem de mudar a disposição de nosso coração.

A teologia reformada fala da **ordo salutis**, ou seja, a "ordem da salvação", que é uma análise da ordem lógica dos eventos que têm de acontecer para que uma pessoa seja redimida. Por exemplo, dizemos que somos justificados pela fé. Isso significa que um pré-requisito lógico para a justificação é a fé. Portanto, na ordem da salvação, a fé vem antes da justificação. A fé não é o fruto da justificação; a justificação é o fruto da fé. Mas, o que vem antes da fé? Na **ordo salutis**, o evento que precede a fé é a regeneração.

A regeneração é conhecida, popularmente, como "renascimento", "o novo nascimento" ou "ser nascido de novo". É a operação pela qual Deus, o Espírito Santo, muda divina e sobrenaturalmente a disposição de nosso coração. O Antigo Testamento diz que, enquanto estamos em nossa condição caída, temos um coração de pedra e desejamos o mal continuamente (cf. Ez 11.19-20; Gn 6.5). De maneira semelhante, o Novo Testamento declara que somos espiritualmente mortos (Ef 2.1). A regeneração acontece quando o Espírito Santo vem a uma pessoa que é espiritualmente morta e lhe dá vida. O resultado é que, se antes o coração era como uma pedra (insensível e indiferente às coisas de Deus), agora ele pulsa em resposta às coisas de Deus, por causa da operação do Espírito Santo.

Era sobre isso que Jesus estava falando, quando disse a Nicodemos: "Se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus... quem não nascer da água e do Espírito não pode entrar no reino de Deus" (Jo 3.3, 5). A expressão **se não** indica o que chamamos de "condição necessária". Jesus estava dizendo a Nicodemos: "Algo tem de acontecer com o ser humano, para que ele veja o reino de Deus ou entre no reino de Deus". Essa necessidade que Jesus discutiu com Nicodemos era a experiência de ser renascido do Espírito.

Regeneração significa "gerado de novo". É um novo começo, uma nova gênese. Nascemos neste mundo biologicamente vivos, mas espiritualmente mortos. Para nos tornarmos espiritualmente vivos, precisamos da obra sobrenatural de Deus, o Espírito Santo, em nosso coração.

A opinião evangélica popular sobre este assunto é que, se você quer ser nascido de novo, precisa ter fé. Portanto, a opinião popular é que a fé vem antes da regeneração. A ideia implica que, em nossa condição caída, enquanto ainda estamos na carne, enquanto ainda estamos mortos em delitos e pecados, podemos crer, para que sejamos novas criaturas. Mas essa ideia parece estar em conflito com tudo que o Novo Testamento ensina sobre a regeneração. Se entregues a nós mesmos, em nossa morte espiritual, jamais nos inclinaríamos para as coisas de Deus. Como Jesus disse: "Ninguém poderá vir a mim, se, pelo

Pai, não lhe for concedido" (Jo 6.65). A razão fundamental por que alguns respondem com fé ao evangelho, mas outros não respondem, é que alguns (e não outros) são regenerados pelo Espírito Santo.

O aspecto difícil desta doutrina é que Deus, o Espírito Santo, não vivifica todos. Isso é o que leva muitos a tropeçarem nesta ideia. Se a fé salvadora é o dom de Deus, o Espírito Santo, e se Deus exige esse dom para a salvação, por que ele não o dá a todos?

A FÉ EXIGE A ELEIÇÃO

Isso nos traz à doutrina da eleição. A fé salvadora está ligada à eleição, na primeira sentença do capítulo "Da Fé Salvadora", da Confissão de Westminster: "A graça da fé, pela qual os eleitos são capacitados a crer para a salvação de sua alma, é obra do Espírito de Cristo em seus corações". A afirmação indica que nem todos são capacitados a se tornarem crentes, mas somente aqueles a quem Deus determina dar o dom de capacitação. Isto é a essência da doutrina da eleição.

Quando Paulo explicou esta doutrina aos crentes de Roma, ele antecipou uma resposta de frustração. Ele escreveu: "Que diremos, pois? Há injustiça da parte de Deus? De modo nenhum!" (Rm 9.14). Temos de lembrar que Deus decretou que teria misericórdia de quem ele desejasse ter misericórdia e que ninguém pode exigir que ele dê igualmente seu dom de graça a todas as pessoas (cf. Êx 33.19; Rm 9.15). O maior ato de misericórdia que Deus realiza é dar o dom da fé.

Efésios 2 é um dos textos mais importantes sobre este assunto. Paulo começa este capítulo escrevendo: "Ele vos deu vida, estando vós mortos nos vossos delitos e pecados, nos quais andastes outrora, segundo o curso deste mundo, segundo o príncipe da potestade do ar, do espírito que agora atua nos filhos da desobediência; entre os quais também todos nós andamos outrora, segundo as inclinações da nossa carne, fazendo a vontade da carne e dos pensamentos; e éramos, por natureza, filhos da ira, como também os demais" (2.1-3). O apóstolo está dizendo que, embora os cristãos compartilhem com toda a raça humana de uma natureza caída e corrupta, eles receberam este benefício inefável de serem vivificados pela graça de Deus, pelo qual foram redirecionados para não mais andarem segundo as concupiscências da carne e os desejos da mente. Em outras palavras, os crentes foram redimidos, enquanto ainda estavam mortos e enquanto ainda eram, por natureza, filhos da ira, como todos os demais.

Paulo prossegue e diz: “Mas Deus, sendo rico em misericórdia, por causa do grande amor com que nos amou, e estando nós mortos em nossos delitos, nos deu vida juntamente com Cristo, — pela graça sois salvos, e, juntamente com ele, nos ressuscitou, e nos fez assentar nos lugares celestiais em Cristo Jesus; para mostrar, nos séculos vindouros, a suprema riqueza da sua graça, em bondade para conosco, em Cristo Jesus” (vv. 4-7). Depois, vem isto: “Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus” (v. 8).

Uma tremenda controvérsia teológica se focaliza no que Paulo quer dizer quando escreve: “**Isto** não vem de vós”. O que é que não vem de nós mesmos? É a graça que não vem de nós mesmos ou é a fé?

Muitos crentes dizem: “Reconheço que não posso ter fé sem a graça, e obviamente a graça não é algo que vem de mim; ela vem de Deus. Portanto, eu preciso ter a ajuda da graça, mas a razão por que algumas pessoas são salvas e outras não são é que algumas pessoas dizem “Sim” à oferta da graça, e outras dizem “Não” à oferta”. Então, uma pessoa pode interpretar esta passagem no sentido de que somos salvos porque cremos na oferta da graça, e essa oferta não vem de nós mesmos e sim de Deus.

No entanto, ao que se refere a expressão “de vós”? À graça ou à fé?

De acordo com todas as regras de gramática grega, só há uma resposta possível para esta pergunta. Na estrutura gramatical deste texto, o antecedente da palavra **isto** é a palavra **fé**. O apóstolo está dizendo que somos salvos pela graça por meio da fé e que esta fé pela qual somos salvos não vem de nós mesmos, é dom de Deus.

Quando pensamos nas riquezas da misericórdia divina pela qual fomos redimidos e consideramos que até a fé pela qual somos salvos não vem de nossa própria carne e vontade, mas como resultado direto da intervenção sobrenatural em nossa vida, devemos ser impelidos a dobrar os joelhos em gratidão e ação de graças.

No que diz respeito ao aspecto da experiência, todos temos a mesma história. Sabemos que não aceitamos a Cristo, movidos por nossa própria carne. Sabemos que foi necessária a obra interior de Deus, o Espírito Santo, para nos mudar de pessoas contrárias às coisas de Deus para pessoas que aceitam as coisas de Deus. Ele nos vivificou e nos deu o dom da fé, pela qual cremos em Cristo.



FORTALECIDA PELA PALAVRA

Eis uma fórmula teológica que talvez pareça estranha para você: “A regeneração precede a fé”. Já vimos que a regeneração ou o nascimento espiritual é o começo da vida cristã. Se a regeneração é o primeiro passo, é óbvio ela deve acontecer antes do segundo passo. Pessoas espiritualmente mortas não desenvolvem de repente a fé, levando Deus a regenerá-las. Pelo contrário, a fé é o resultado da regeneração que Deus realiza em nosso coração: “Estando nós mortos em nossos delitos, nos deu vida juntamente com Cristo” (Ef 2.5). Somos nascidos de novo (regenerados), depois chegamos à fé, depois somos justificados e depois começamos a passar pelo processo de santificação que dura por toda a vida (Rm 8.30). Todos estes eventos constituem todo o complexo da vida cristã. Mas o ponto de partida, o primeiro ato da cadeia, é todo de Deus – é uma obra monergística, como vimos no capítulo anterior.

Em resumo, a regeneração é uma obra soberana de Deus. Em outras palavras, Deus exerce seu poder e sua autoridade sobre nós em seu tempo e à sua maneira, para realizar a regeneração em nosso coração. Enfatizo isto porque muitas pessoas entendem a regeneração meramente como uma atividade de persuasão moral, por meio da qual Deus nos corteja ou nos seduz para mudarmos e andarmos em sua direção. Seguindo o pensamento de Agostinho e outros gigantes da fé cristã, estou dizendo que a regeneração não é uma obra em que Deus se mantém afastado e tenta persuadir-nos a buscá-lo e segui-lo; estou

afirmando que a regeneração é uma obra em que Deus vem para dentro de nós. Ele invade a alma, porque tem de haver uma profunda mudança no coração, antes de podermos ir a Cristo. Para que desejemos as coisas de Deus, temos de ser vivificados; e esta vivificação exige um ato soberano de Deus.

UM HEBREU DE HEBREUS

Em Atos 9, temos o mais famoso relato de uma conversão, na história da igreja. É o relato da conversão do homem que se tornou o apóstolo Paulo. O Novo Testamento ensina que não muitos sábios e pessoas nobres foram chamados por Deus para fazerem parte da fundação da igreja cristã (1 Co 1.26-27). Pelo contrário, a igreja cristã era constituída primariamente de oprimidos, pobres, explorados e daqueles que tinham recursos limitados. Era parte do plano de Deus não escolher, em termos de maioria, os ricos, os poderosos e os famosos para o estabelecimento da igreja. Mas as Escrituras não dizem que "nenhum" e sim que "não muitos" dos cristãos foram chamados de posições elevadas ou de níveis sociais sofisticados. Um homem desse contexto foi Saulo de Tarso.

Saulo era de uma família de comerciantes e recebeu uma educação extraordinária. Certos eruditos dizem que, se Saulo não tivesse encontrado com Cristo, na estrada para Damasco, e sido radicalmente convertido, se Deus o tivesse deixado sozinho a seguir seu próprio curso de vida, é provável que o mundo moderno ainda teria conhecimento dele, porque Saulo estava entre os judeus mais educados do século I. Ele foi o melhor aluno de Gamaliel, o principal rabi em Jerusalém. Por volta de seus vinte anos de idade, Saulo tinha o equivalente a dois PhD. Como um homem jovem, ele subiu de maneira rápida a uma posição de autoridade política, teológica e eclesiástica em Israel.

Saulo não era somente erudito e habilidoso, ele era um homem cheio de fervor. Era um homem zeloso. Saulo descreveu a si mesmo como "extremamente zeloso das tradições de meus pais" (Gl 1.14) e "hebreu de hebreus" (Fp 3.5). Não sabemos exatamente o que Paulo quis dizer com isso, mas sabemos que ele estava descrevendo a si mesmo com um superlativo na linguagem judaica, semelhante às expressões "Rei dos reis" ou "Senhor dos senhores". Em outras palavras, Saulo estava numa classe exclusiva. Atingira o nível mais elevado possível.

Saulo era também um fariseu (Fp 3.5), um membro do partido conservador dos líderes judeus, que eram comprometidos com a observação estrita da lei de Moisés. Uma tradição dos dias da igreja primitiva sugere que entre os fariseus

havia um grupo central que sustentava a crença de que, se algum deles guardasse perfeitamente, apenas por um dia, todas as diversas leis às quais eles eram dedicados, esse ato compeliria a Deus a mandar o Messias. Portanto, havia alguns zelosos entre os fariseus que praticavam todo tipo de autorrenúncia e ascetismo. Eles eram dedicados em seus estudos e escrupulosos em cada detalhe da lei, em sua tentativa de guardarem-na perfeitamente por um período de 24 horas. Alguns conjecturam que o próprio Saulo era um desses fariseus zelosos.

Encontramos Saulo pela primeira vez, quando ele guardava as vestes daqueles que apedrejavam a Estêvão (At 7.58). Em Atos 8 e 9, vemos Saulo tornar seu zelo em uma forma militante de hostilidade contra a igreja nascente, que ele considerava uma distorção grave do judaísmo ortodoxo. Ele via o movimento cristão não como um cumprimento das Escrituras do Antigo Testamento, e sim como uma degradação de tudo que lhe era querido. Por essa razão, Saulo trabalhou com as autoridades religiosas dos judeus para suscitar acusações formais contra os cristãos. Ele estava cheio de hostilidade para com Jesus e tudo que Jesus representava.

CRISTO CONFRONTA SAULO

Mas tudo muda em Atos 9, que começa com estas palavras: “Saulo, respirando ainda ameaças e morte contra os discípulos do Senhor, dirigiu-se ao sumo sacerdote e lhe pediu cartas para as sinagogas de Damasco, a fim de que, caso achasse alguns que eram do Caminho, assim homens como mulheres, os levasse presos para Jerusalém” (vv. 1-2). Cada fôlego que Saulo exalava trazia algum tipo de ameaça diabólica contra a vida dos crentes, e não somente aqueles que estavam em Jerusalém. Ele pediu ao sumo sacerdote cartas de apoio oficial para que pudesse realizar sua investigação, perseguição e aprisionamento de cristãos em Damasco. Ele queria ir até Damasco para achar alguns judeus que teriam sido infectados pela heresia cristã. Isto era semelhante a um oficial de polícia dirigindo-se a um juiz para obter um mandado judicial. Saulo queria capturar os cristãos, tanto homens como mulheres, e trazê-los em cadeias para Jerusalém.

No entanto, Saulo nunca cumpriu sua missão em Damasco. “Seguindo ele estrada fora, ao aproximar-se de Damasco, subitamente uma luz do céu brilhou ao seu redor, e, caindo por terra, ouviu uma voz que lhe dizia: Saulo, Saulo, por que me persegues? Ele perguntou: Quem és tu, Senhor? E a resposta foi: Eu sou Jesus, a quem tu persegues; mas levanta-te e entra na cidade, onde te dirão o que

te convém fazer” (vv. 3-6).

Se nas Escrituras há alguma evidência de que a regeneração é um ato soberano, esta é a evidência. Saulo não fizera nada para merecer esta maravilhosa intervenção em sua vida. Não havia mérito em sua obra ou em sua vida que pudesse induzir a Deus a mandar esta graciosa visitação. Na verdade, havia uma grande quantidade de demérito. Todavia, Jesus veio até Saulo, e este foi imediatamente convertido, de modo eficaz.

Mais tarde, já como apóstolo, Paulo lembrou que Jesus também disse: “Dura coisa é recalcitrares contra os aguilhões” (At 26.14). Esta é uma figura estranha. No mundo antigo, quando os bois puxavam carros, às vezes os bois se tornavam obstinados, como as mulas, e o carreiro golpeava as costas dos bois com um açoite para fazê-los andar. Às vezes, quando os bois preferiam não andar e não ficavam satisfeitos com o golpe do açoite, levantavam suas patas traseiras e davam coices, talvez atingindo o carro. Por isso, as pessoas começaram a colocar aguilhada de bois na frente de seus carros. Nas aguilhadas, havia ferrões agudos e fortes que feriam as patas dos animais e os impedia de dar coices. Entretanto, às vezes um boi especialmente estúpido “recalcitrava contra os aguilhões”. A dor resultante de dar coices nos aguilhões tornava o boi ainda mais bravo, e ele escoiceava mais fortemente. Quanto mais ele desse coices, tanto mais se feriria; quanto mais bravo ficasse, tanto mais escoicearia. O boi ficaria bastante ensanguentado, como se estivesse lutando contra a aguilhada.

Jesus estava dizendo: “Saulo, você é um boi estúpido. Por que você está me perseguindo? Você não pode vencer. Você é como um boi que está lutando contra os ferrões de uma aguilhada”.

Enquanto Saulo permanecia caído no chão, ele olhou para cima, para a luz brilhante e perguntou: “Quem és tu, Senhor?” Ele não sabia quem o havia impedido de prosseguir, mas sabia que tinha de ser o Senhor, porque ninguém mais poderia brilhar no deserto, ao meio-dia, com uma luz intensa de glória refulgente. Ninguém mais poderia derribá-lo no chão e cegá-lo. Ninguém mais poderia falar com ele numa voz procedente do céu, em seu próprio idioma. Tinha de ser o Senhor quem estava falando com ele. Jesus replicou: “Eu sou Jesus, a quem tu persegues; mas levanta-te e entra na cidade, onde te dirão o que te convém fazer”.

DEUS JÁ CONFRONTOU VOCÊ?

Talvez você nunca viu uma luz na estrada para Damasco. Talvez nunca foi derrubado no chão. Creio que você nunca ouviu uma voz do céu. No caso de Saulo, essas foram apenas manifestações exteriores da misteriosa obra interior de renascimento. Contudo, o mesmo poder e autoridade soberanos manifestados na estrada para Damasco, naquele dia, operou em sua alma, se você já nasceu de novo.

A regeneração é uma obra do poder onipotente de Deus, o poder que nada pode deter ou resistir. Se Deus sopra numa pessoa que está morta, essa pessoa ressuscita de entre os mortos. Não há oposição quando este poder é exercido. Deus confrontou soberanamente a Saulo, e o mudou soberanamente, e o redimiu. Ele já fez isso com você?



A Editora Fiel tem como propósito servir a Deus através do serviço ao povo de Deus, a Igreja.

Em nosso site, na internet, disponibilizamos centenas de recursos gratuitos, como vídeos de pregações e conferências, artigos, e-books, livros em áudio, blog e muito mais.

Oferecemos ao nosso leitor materiais que, cremos, serão de grande proveito para sua edificação, instrução e crescimento espiritual.

Assine também nosso informativo e faça parte da comunidade Fiel. Através do informativo, você terá acesso a vários materiais gratuitos e promoções especiais exclusivos para quem faz parte de nossa comunidade.

Visite nosso website
www.editorafiel.com.br
e faça parte da comunidade Fiel